

O parto é meu: os regimes de visibilidade e vigilância sobre o corpo grávido e o parto¹

Angélica FONSÊCA²
Universidade de Federal Fluminense, Niterói, RJ

RESUMO

Discursos sobre vida saudável permeiam e cristalizam modos de ser e estar em todas as esferas da vida contemporânea. A partir da análise de discursos e imagens relacionadas ao corpo grávido e parto, observou-se a espetacularização de momentos considerados íntimos e banais do cotidiano, assim como a valorização de práticas associadas ao estilo de vida saudável. Por meio do método genealógico, suspenderam-se as condições de possibilidades que tornaram a gravidez e o nascimento objetos tão acessíveis ao olhar. A vontade de saber sobre os detalhes íntimos do cotidiano está diretamente ligada a uma vontade de “se exibir”, relação fundamental para a constituição da subjetividade contemporânea. Nesse cenário, percebe-se a emergência de sentidos associados à esfera privada do nascimento, de retomada do discurso pelas mulheres, e assujeitamento e liberações instaurados nas condutas do parto.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; subjetividades; visibilidade; vigilância; boa forma.

INTRODUÇÃO: O CORPO GRÁVIDO COMO ALVO DE NOSSO OLHAR

Em maio de 2018, um vídeo³ de 58 segundos teve 7,7 milhões de visualizações e mais de 100 mil compartilhamentos. Tamanha repercussão foi motivada por mostrar o nascimento de um bebê de parto normal desassistido, feito pela mãe, em casa. Gabriele Garbin, doula brasileira, replicou o conteúdo do perfil @badassmotherbirther, com intuito de dar visibilidade ao parto ativo como ato natural, combatendo intervenções cirúrgicas desnecessárias no processo e da cesariana. Ao olhar dos usuários, o nascimento, sem suporte médico, poderia ser perigoso para mãe e criança. Outros já se posicionam à favor e defendem o direito da mulher escolher como será seu parto. Ao buscar a publicação original⁴, há a referência à parturiente: Sarah Schmid.

Fora do âmbito hospitalar e da filmagem profissional, a médica alemã, mãe de cinco filhos, sendo o quarto nascido de um parto dessastido, compartilha no Youtube⁵,

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (PPGCOM-UFF). Orientadora: Paula Sibilia. E-mail: angelica.fonseka@gmail.com.

³ Disponível em <<https://bit.ly/2unVEb0>>. Acesso em 29 jun. 2018.

⁴ Disponível em <<https://bit.ly/2N58UJn>>. Acesso em 29 jun. 2018.

⁵ Vídeo do parto de Sarah Schmid. Disponível em <<http://bit.ly/2kSNe54>>. Acesso em 29 jun. 2018.

desde 2012, suas experiências em dar à luz. O recorte do vídeo causador da polêmica postado no perfil de Gabriela era do nascimento de seu último filho, em 2017. Nas duas gravações, ambas com aproximadamente 20 minutos e gravadas pelo marido, a audiência consegue acompanhar todo o parto de Sarah: o período inicial das contrações, quando ainda se encontra vestida; os gritos e a agonia de todo o trabalho de parto, em que vai despindo a roupa diante da câmera; o momento em que ela mesma rompe a bolsa amniótica; o *close* feito quando a cabeça da criança se torna evidente no canal vaginal; e, finalmente, quando em pé, em sua sala de estar, desenrola, sozinha, o cordão umbilical do pescoço da criança e segura seu próprio bebê após um parto considerado bem-sucedido. Os vídeos exibem todo o contexto fisiológico e natural do parto. O primeiro possui mais de 2,5 milhões de visualizações, enquanto o mais recente, na publicação original da mãe, apenas 600 mil visualizações. Todas de pessoas desconhecidas, mas com interesse genuíno no parto ocorrido na casa dos Schmids. Entre os comentários em diversas línguas, principalmente alemão e inglês, o público avalia, questiona e discute a técnica do parto desassistido, e compartilha para quem mais quiser ver. Alguns destacam a coragem da mãe, e todos se sentem à vontade para opinar sobre o parto, ressaltando ter sido um momento “bonito e natural” e ainda desejando “que todos pudessem ter uma família como essa”.⁶

Parte de outro circuito de visibilidade contemporâneo, grávida de sua segunda filha, Izabella Falconi, é uma “celebridade comum” (FONSECA, SANZ, 2016) brasileira, conhecida nas mídias sociais exatamente por ser alguém como “nós”, mas ganhou notoriedade por compartilhar seu cotidiano *fitness* e ter conquistado um corpo considerado “perfeito”, inclusive em suas duas gestações. Também conhecida como palestrante motivacional, nutricionista, empresária do segmento de academias e produtos relacionados à boa forma, Falconi possui mais de três milhões de seguidores em sua conta no Instagram. Em sua primeira gravidez, ela compartilhou com seu público cotidianamente seus “segredos” e conselhos para conquistar uma silhueta magra e esculpida, mesmo ao longo dos nove meses de gestação. Durante as dezoito horas de seu primeiro parto, aparentemente em “tempo real”, com divulgação nas mídias sociais, por meio das quais seus fãs, veículos especializados nesse tipo de celebridade e família acompanharam tudo, desde o tempo das contrações, ida para o hospital, exercícios pélvicos, a dor anestesiada pela peridural, a espera dos pais, comentários da audiência ansiosa, até a apresentação da criança pela publicação de uma fotografia do primeiro encontro entre mãe e filha.

E por que o nascimento de uma criança seria notícia? Por que o tempo de contração, o trabalho de parto, a amamentação dessas crianças seriam objeto de exposição e de interesse público? Por que uma curiosidade tão grande acerca daquilo que grande parte das pessoas já vivenciou em sua própria vida? As banalidades e o caráter íntimo são destacados como marcas dessas formas de narrativas confessionais da internet, pois

⁶ Comentário feito por Maura L. Disponível em: <<http://bit.ly/2kScBEQ>>. Acesso em 29 jun. 2018.

experiências como a do parto saem do silenciamento dos discursos feitos por mulheres para uma tagarelice em plataformas digitais.

Como desdobra Michel Foucault (1988), em sua análise genealógica, a alteridade dos discursos precisa ser pensada a partir de uma tessitura abrangente, identificando como eles se exercem e de que maneira seus mecanismos são entrelaçados a outras estruturas, a fim de os engendrar em modos de saber e ser. A partir da perspectiva genealógica analisa-se imagens e discursos relacionados ao corpo grávido e parto desde do início dessa pesquisa em 2014. No entanto, para esse trabalho, foram selecionadas imagens exemplares para a construção de solos de problematização e a percepção da emergência de objetos – especialmente aqueles em processo de transformação, como os discursos associados ao parto - assim como a percepção dos desmoronamentos e direção das questões culturais materializados por imagens contemporâneas.

Articulado às reflexões teóricas, o quadro imagético deste trabalho teve com germe um processo de escavação de imagens e discursos sobre a boa forma, amplamente difundidos em jornais, revistas, manuais médicos, programas televisivos, em que o corpo é percebido como protagonista de um tipo específico de vida saudável. Assim busca-se, como proposto por Foucault (1984, p.16), entender como esses conteúdos são constituídos, os jogos, as regras e as opiniões que eles cristalizam, alcançando o objetivo que se espera de “textos ‘práticos’ que são, eles próprios, objeto de ‘prática’ na medida em que eram feitos para serem lidos, aprendidos, meditados, utilizados, postos à prova, e visavam, no final das contas, constituir a armadura da conduta cotidiana”. Como destacado pelo autor, o intuito desses textos – ainda que não de forma consciente – era operar na lógica efeito/instrumento, viabilizando que os sujeitos questionem seus comportamentos e modos de ser, os conservem, engendre-os e os adequem às noções vigentes na época do que se considera um indivíduo ético.

A partir do quadro apresentado, observa-se a série de valores sociais que perpassam a imagem do corpo feminino, permeável ao olhar de uma sociedade que define sentidos por seus contornos e narrativas. A exposição e a indicação de práticas consideradas “adequadas” em relação ao parto e ao corpo das mulheres na gestação materializam não apenas a insegurança das mulheres e a retomada do lugar de fala, mas engendrar discursos das mais variadas ordens: midiáticos, científicos, comerciais, pedagógicos, por exemplo. A moral da boa forma engendra valores centrais na vida do indivíduo que valoriza um certo tipo de corpo muito específico da contemporaneidade: considerado “perfeito”, não deve ter marcas, nem adiposidades, deve ser magro, liso e esculpido. (FONSECA, 2017). No entanto, esses atributos são valorizados na gravidez?

A divulgação voluntária das banalidades, das rotinas, dos corpos e partos de grávidas como Falconi e Schmid parece evidenciar uma estética da existência, na qual “existir” – ou viver de verdade – nos dias de hoje está intimamente ligado ao que é compartilhado “em tempo real” e vigiado pelo olhar astuto da audiência. Dentro desse contexto, busca-se compreender sobre quais foram, no entanto, as condições de possibilidades para que o corpo grávido e o parto se tornassem objetos tão acessíveis ao

olhar, passíveis de exploração, espaços de exercício do poder? O que haveria de próprio nessa vigilância atual sobre as grávidas e os partos?

MORAL DA BOA FORMA: A VONTADE DE SABER E DE SE EXIBIR

Na internet, despertam curiosidade publicações sobre mulheres nos últimos meses de gravidez com o abdômen definido. Da mesma forma, campanhas publicitárias de alimentos, parques de diversão e academias de ginásticas lançam produtos e serviços direcionados às crianças, no sentido de que tenham “vida saudável” e alcancem a “boa forma”. Há ainda histórias que se tornam alvo de admiração, como a de famílias que são modelo de sucesso devido aos seus corpos e vidas equilibradas. Não apenas os corpos das famílias e das crianças são alvo das práticas relacionadas à boa forma. Como uma espécie de “marco zero”, a gestação também se altera. Momento tradicionalmente vivido sem restrições alimentares ou exigências de condutas que visassem ao corpo, hoje a gravidez também exhibe imagens “saradas”, de “barrigas chapadas”. As grávidas *fitness* – donas de corpo esculpido até o último mês de gestação – permitem problematizar por que situações íntimas como gestação e parto despertam a “vontade de saber” em uma audiência ávida por atualizações. Nessa lógica espetacular, o corpo grávido sarado é o atributo que confere notoriedade a essas “celebridades comuns”, ícones da gestação vivida de forma saudável e especialistas nos cuidados de si. Praticar exercícios de alta *performance* e manter dietas restritivas são atitudes que demonstram novas relações de poder quanto ao corpo grávido e permitem refletir sobre a ideia de gravidez “bem-sucedida”.

Cabe ressaltar que o “desejo de saber” do público pelas banalidades da vida *fitness* não se esgota na gravidez. Nem o desejo de se expor que legitima toda a divulgação da vida diária. As transformações que operam mudanças nos conceitos de família, infância e corpo grávida atingem também o momento do parto. Os discursos nas mídias sociais e a publicização do nascimento permitem observar a emergência imagética e discursiva de um evento comumente vivido como privado, assim como, as dinâmicas de visibilidade e vigilância contemporâneas.

Em uma breve genealogia dos discursos sobre o parto é possível perceber as condições de possibilidades que tornaram o corpo feminino acessível ao olhar. De uma maneira geral, afirma-se que, na Idade Média, o parto era um lugar feminino, povoado por segredos e rituais, mas as narrativas a respeito dele eram proferidas por homens, como nos discursos bíblicos. Na modernidade, esse olhar observador participa do momento do nascimento, corroborado por discursos científicos que visam disciplinar os fenômenos da reprodução humana. Apesar de participar do momento efetivo do parto, os discursos continuam a não revelar a perspectiva da experiência da mulher. Nos séculos XVIII e XIX, com a elevação de *status* das práticas médicas, o parto deixa o ambiente domiciliar para ocupar os hospitais; assim, a participação de mulheres próximas à mãe e mulheres de seu ciclo é substituída por um corpo clínico, fato que não o torna acessível ao olhar de

todos, mas pode ser um deslocamento para compreender essa dispersão pública das imagens sobre os partos contemporâneos. Nos dias de hoje, a tagarelice sobre o parto permite compreender que a visibilidade é requerida pela mãe que expõe voluntariamente seu corpo e suas condutas.

Identifica-se uma relação de interdependência entre a vontade de saber da audiência e de “se exhibir” das celebridades comuns do mundo *fitness*; uma impulsiona a outra, tornando infinito o circuito de visibilidades. Expor a intimidade sob o discurso de vida saudável em plataformas digitais evidencia o deslocamento da subjetividade da condição de interiorizada para exteriorizada. As imagens compartilhadas operam em uma lógica de efeito-instrumento, produzindo a naturalização de valores relacionados ao imperativo da boa forma. Elas também são essenciais para a construção dos modos de ser e estar do sujeito contemporâneo, que precisa do olhar da alteridade para legitimar quem ele é. A exposição permanente das banalidades do cotidiano, divulgadas ao vivo, permite destacar que tudo que é transmitido nas telas é a “verdade” sobre o indivíduo, não havendo alusão a algo “interior”, que não esteja visível na superfície dos corpos.

No entanto, como já evidenciado por outras imagens, tornar público algo que antes era interesse apenas da esfera íntima, está longe de ser uma invenção de mães *fitness*. Expor os momentos cotidianos em plataformas sociais na contemporaneidade é uma forma de gerar capital social e financeiro. Com relação à exibição promovida pelas mães que transmitem os partos ao vivo ou propõem partos naturais, é possível questionar, no entanto, que sentido teria. Se trataria de mera ação empresarial? Pesquisando em *sites* de busca de vídeos,⁷ a expressão “parto natural”, apenas em português, indexa aproximadamente 65 mil resultados. Vídeos das próprias mulheres, de pais, acompanhantes, de médicos, enfermeiros que exibem os ínfimos detalhes do momento do nascimento de uma criança.

Em plataformas em que permite-se mapear as tendências de pesquisas em sites de busca como o Google Trends, nos últimos 12 meses, observou-se o aumento no interesse dos resultados relacionados ao “Registro de parto humanizado”, termo que indexa conteúdos relativos ao nascimento de pessoas comuns que compartilharam na internet relatos e registros fotográficos do nascimento de crianças. Há, portanto, uma espécie de tagarelice sobre o parto em que as mulheres narram e exibem suas experiências, em especial, pelas plataformas digitais, fato que nos permite perceber relações de poder e saber que ultrapassam a curiosidade banal de uma audiência, evidenciando um projeto de sociedade que estamos construindo.

Os partos ao vivo, transmitidos via internet, disponibilizados no Youtube, evidenciam a emergência das vozes das mulheres sobre o momento do parto. De certa

⁷ A pesquisa indicada foi feita no YouTube. A busca semântica, na mesma plataforma de vídeos, dos termos em inglês “*homebirth*” e “*natural childbirth*” mostrou 123 mil e 229 mil resultados, respectivamente. Todos os termos, pesquisados na plataforma de vídeo, Vimeo retornaram aproximadamente 4.000 resultados. Acesso em 28 jun. 2018.

maneira, todas essas narrativas – sua divulgação e a livre circulação dessas imagens – representam conquistas que vão além do discurso. Quando Schmid e Falconi optam por falar sobre seus partos, da forma e nas plataformas que desejam, é possível demarcar liberações corpóreas, o direito a ser narradoras de suas próprias experiências e uma constante busca de reconquistar o parto em sua totalidade.

OS REGIMES DE VIGILÂNCIA SOBRE O CORPO E O PARTO

A visibilidade dessas mulheres e famílias que optam por compartilhar seus partos online, se voluntariando à luz permanente do olhar do outro (como os dos demais sujeitos deste nosso tempo) converte-se em matéria de vigilância “eterna”.⁸ A espetacularização desses dois momentos outrora vividos como privados relaciona-se, assim, não apenas com essa vontade de saber e de “se exhibir”, mas com uma distribuição de vigilâncias que ocupa todos os espaços e se estabelece continuamente.

Como observado no desenvolvimento deste trabalho, os momentos mais banais em todas as esferas da vida constituem conteúdo adequado para as plataformas digitais. Torna-se difícil dizer quando as grávidas e os partos não foram objeto de vigilância – a permanência, no entanto, respondeu a motivos e sentidos variados na história. O fenômeno vigilância não é uma novidade dos dias de hoje, mas é importante compreender o contexto das transformações históricas que possibilitaram e naturalizaram esse olhar vigilante, percebendo então quais as linhas de continuidade e os deslocamentos atuais. Segundo Foucault (1987), o poder disciplinar por meio de seus agenciamentos e dispositivos de visibilidade e vigilância internalizou uma espécie de “vigília constante” em que todos devem estar atentos para proteger a vida contra o mal invisível. Essa capacidade de induzir um estado consciente de visibilidade sustenta e automatiza o poder que independente de quem o exerce, faz com que os detentos, estudantes e operários se encontrem em uma relação de poder que cada um também pode exercer.

Dessa forma, houve uma série de investimentos e controles articulados na superfície dos corpos das mulheres, em especial das gestantes, para naturalizar essa vigilância. Não apenas os corpos dos delinquentes, estudantes e trabalhadores foram controlados com intuito de produzir condutas e disciplinar comportamentos; o corpo da mulher foi alvo desse olhar. Na modernidade, o espartilho usado pelas mulheres não era apenas um acessório da moda. Ele cumpria uma função de controle da sexualidade, pois escondia os seios femininos. Mais do que objetos de desejo do olhar da sociedade,

⁸ O termo eterno é sugerido, juntamente com os conceitos de permanente e generalizado propostos por Foucault (1987) e Fernanda Bruno (2013) com intuito de destacar uma espécie de hipervigilância em que todos os momentos e esferas de nossas vidas são alvos do olhar da audiência, desde imagens de ultrassonografia, nascimento e até mesmo funerais. Todos os momentos da nossa vida são dignos de serem vistos, em um imperativo de “a vida como ela é” se exhibe ao vivo, em um processo contínuo de fornecer imagens para audiência, que motiva a produção e legitima a vontade de “se exhibir”.

escondê-los sob uma armadura de metal reforçava a ideia de que o corpo das mulheres era alvo de uma vontade de saber – fosse no sentido de interdição do pecado, operacionalizada pela Igreja, ou para controlar os afetos e evitar filhos indesejados, gerenciando as taxas da natalidade, ou simplesmente por uma questão de desejo sexual que deveria ser coibido, pois os corpos deveriam ser dóceis e produtivos para operar na lógica capitalista.

Essas automatização e desindividualização do poder supõem e engendram uma interioridade profunda. Essa vontade de saber a respeito do corpo impulsionou a credibilidade dos discursos médicos e jurídicos que solidificaram as relações de poder na modernidade. O público hoje, no entanto, não constitui apenas uma massa de espectadores; nosso olhar vigilante adiciona um poder sobre o castigo ou o julgamento, digno da punição espetacular do suplício, mas com o caráter moderno no âmbito de agir sobre a vida, designando quem é digno de ser visto e por consequência existir, evidenciando contornos muito contemporâneos de vigilância distribuída (BRUNO, 2013). Para operacionalizar esse gerenciamento sobre a vida, inerente ao biopoder (FOUCAULT, 1988), articula-se e investe-se na produção do saber especializado sobre o corpo feminino. Esse tipo de poder foi cristalizado na sociedade por meio de discursos que se dedicaram a regular e gerir a vida. Mais do que uma transformação na medicina, essa série de investimentos modificou a percepção moderna do corpo.

A reorganização do conhecimento científico que aconteceu nas primeiras décadas do século XIX levou ao abandono definitivo das explicações especulativas sobre o corpo humano. O corpo se transforma num cenário material e visível, num novo território cujos saberes eram produzidas por meio do olhar atento do médico, que aprofundou as observações, estendendo-as a tecidos e aos órgãos em direção ao núcleo da verdade. Quanto ao corpo feminino, cristalizaram-se saberes e desenvolveram-se exames e procedimentos que serviram para o controle dos corpos e gerenciamento das populações, como os índices de mortalidade infantil e criminalização do aborto. O conhecimento anatômico da superfície do corpo feminino é tamanho, que o médico se torna o responsável pela “alma” da gestante, pois normatiza sensações, gerencia as dúvidas da gravidez e os medos relacionados ao parto.

Na madrugada do dia 8 de julho de 2016, Nara estava inquieta no Snapchat. Sem sono, a modelo *fitness* compartilhou suas inseguranças, chorou e se desculpou pela fragilidade e o medo de não conseguir seu tão sonhado parto normal. O que parecia para seus seguidores uma pausa de descanso durante a noite, tornou-se um “sumiço” maior que o esperado. Nessa mesma madrugada, porque o neném estava em “sofrimento”, Nara foi submetida a uma cesariana, sem a presença do marido, que não conseguiu chegar a tempo para acompanhar, para parto de emergência, o nascimento do primeiro filho.

Só no dia 14 de julho Nara publicou em seu *blog* uma explicação do que acontecera para determinar o parto de emergência. E já da maternidade rebateu críticas de sua audiência no sentido de que ela estaria mentindo sobre o desejo de dar à luz por

parto normal, pois ninguém conseguiria uma estrutura tão ampla para um parto “não planejado”, nem organizar uma recepção tão elaborada para os convidados na antessala do quarto da parturiente.⁹ A invisibilidade durante esse período fez com que seguidores se “perdessem” na narrativa, e por conta dessa “trégua discursiva” surgiram comentários percebidos como injustos e prontamente rebatidos. O parto de Nara foi considerado inadequado por usuários que lamentam “mais uma cesárea, aparentemente desnecessária! espero que não tenha havido violência com o bebê”.¹⁰ Outras seguidoras destacam que o “comentário foi desnecessário” e ressaltam a liberdade de escolha do tipo de parto, reforçando a ideia de que a “pessoa escolhe o que for necessário para o bem dos dois”.¹¹

Em seu Snapchat, a blogueira narra a discussão sobre sua suposta mentira de querer parto normal, como se sentisse agredida pelas críticas, e de forma descontraída conta que seus amigos foram apoiá-la, respondendo aos seguidores “descrentes”, que foram devidamente bloqueados. A publicação parece um pedido de absolvição e busca de consolo para esse “fracasso” de não conseguir o parto normal. Por ter sido fora do programado, o nascimento não foi compartilhado *online*, mas seus ínfimos detalhes, bem como as fotografias que o registraram, foram publicados nos dias subsequentes.¹²

Como trata Bruno (2013), hoje a vigilância se articula a partir de uma estrutura um pouco distinta. Nada parece a ela escapar, assim como não há alusão a algo escondido, secreto; a “verdade” da vida dessas celebridades *fitness* – e de todos – está exibida nas telas. Tudo está a serviço da audiência. A vigilância contemporânea incide não apenas nas práticas e cuidados de si, ela investe na superfície do corpo, julgando as formas que parecem adequadas (ou não) ao momento do nascimento. Essa audiência precisa receber conteúdo “ao vivo”, praticamente sem cortes e edições, caso contrário questiona as condutas do indivíduo.

Esse relato permite destacar os atuais regimes de visibilidade e vigilância que, segundo Fernanda Bruno (2013), são evidenciados pelas práticas cotidianas do ver e ser visto, como a exposição de momentos íntimos da gravidez e do parto na internet. E a vigilância é reconfigurada no monitoramento de atividades no ciberespaço e na proliferação de mídias sociais, a ponto de constituir uma audiência que participa da vida de desconhecidos e sobre ela opina, como já exemplificado, criando uma rede de aconselhamento sobre práticas ascéticas na gestação, formada por “especialistas” em mudanças corpóreas e modos de disciplinar o corpo. Bruno (2013, p. 24) propõe o conceito de vigilância distribuída para captar esse fenômeno “complexo, difuso e

⁹ Embora a maioria das críticas tenha sido apagada, essas foram as publicações que desencadearam o debate.

¹⁰ Comentário de @angelicapadoin. Disponível em <<http://bit.ly/2l63uTu>>. Acesso em 09 jul. 2018.

¹¹ Comentários de @alexandrarascalha e @jositybinhaoficial. Disponível em <<http://bit.ly/2l63uTu>>. Acesso em 09 jul. 2018

¹² Publicação “Fernandinho Chegou”. Disponível em <<http://bit.ly/2hCZb1p>>. Acesso em 09 jul. 2018.

heterogêneo” e permite contestar definições como a da caracterização da ampliação das práticas e dispositivos de vigilância como uma hipertrofia do panóptico.

As críticas como as recebidas por Nara são o preço a pagar pela visibilidade. Toda a discussão sobre o caso, envolvendo familiares, amigos, audiência e a própria mãe é um exemplo que reflete o conceito da vigilância distribuída cunhado por Fernanda Bruno (2013), que afirma só ser possível entender a atualidade por meio da compressão das ações e dos modos de funcionamento que constituem a vigilância. A partir dessas imagens percebe-se que a vigilância contemporânea é ubíqua, e não há separação entre os “vigíados” e os “vigias”, já que a exposição de corpos e partos nas mídias sociais permite que eles “sejam vistos” por qualquer pessoa.

Esse olhar vigilante, eterno e não só curioso, de uma audiência ávida por imagens nas mídias sociais, associado às novas práticas de cuidados de si e ao desenvolvimento de produtos e tecnologias para moldar os corpos na gravidez e após o nascimento da criança, permite observar um projeto específico da sociedade. Dessa forma, a vontade de saber é engendrada meticulosamente em cada estágio da vida do indivíduo, pois associados à vigilância sem pausas, aos novos cuidados de si e mercados os modos de ser e “estar grávida” são construídos nos dias de hoje. Afinal, reconfigura-se o entendimento moderno da “liberdade” corporal da gravidez em que a grávida poderia comer de “tudo”, ter os desejos saciados, e o acúmulo de gordura “esperado” nesse momento da vida. Na contemporaneidade, o excesso de peso é estigmatizado também na gestação, seja por discursos médicos ou por comentários negativos nas mídias sociais.

Os partos de Schmid e Falconi constituem exemplos de casos e imagens que permite destacar o “olho público” (BRUNO, 2004, p.56), pois esses fatos da vida comum, narrados em uma ordem de exposição e de aparência dignas da contemporaneidade, mostram a reconfiguração do sentido de espaços e temas públicos e privados, permitindo compreender como as banalidades do cotidiano tornaram-se o objeto protagonista de visibilidades do “olho público”, que é ao mesmo tempo de todos e de ninguém. A proximidade desses relatos e aconselhamentos sobre a experiência do parto vivida por essas mulheres mostra a existência de um sentido de autoajuda e orientação com intuito de guiar os “seguidores”, levando-os a melhorar a saúde e alcançar uma boa forma na gravidez, reconfigurando “o que se mostra e o que se esconde” (Ibidem, p. 55).

Para Bruno (2013, p.34) a ideia de vigilância distribuída não estaria apenas confinada às dinâmicas dos circuitos de controle, segurança e normalização; cada vez mais ela integraria os circuitos de entretenimento e lazer. A exposição voluntária do espaço privado nas mídias sociais exemplifica a interpenetração dos regimes de visibilidade e vigilância. Afinal, a distribuição das imagens por inúmeros contextos sociais e dos ínfimos detalhes cotidianos vai ser justificada além do medo para garantir a promessa de segurança; ela também “mobiliza ou expressa todo um circuito de libidos, prazeres e desejos”.

Ao analisar a liberação dos discursos femininos sobre a experiência do parto é possível pensar que nada escapa ao registro “eterno” e ao olhar da audiência de vigilantes. Os momentos vividos nas mídias sociais não privilegiam o registro das situações de fracasso: as crianças nascem com saúde, as mães perdem rapidamente o excedente de peso, e as dúvidas das mães de primeira viagem são resolvidas por uma equipe multidisciplinar de médicos e especialistas.

Ao buscar imagens problemáticas de parto ou “parto fracassado” não foi possível encontrar imagens produzidas pelas famílias que vivenciaram esse episódio “malsucedido”. As dificuldades da gestação são relacionadas à gravidez na adolescência, ao parto cesáreo e ao bebê prematuro. Um parto em que mãe e bebê não estão saudáveis não é foco de exibição; uma espécie de moral “não permite” a exibição de um momento sensível e de tristeza para a família; essas imagens incomodam e não fazem sentido na sociedade contemporânea que exhibe em suas telas acontecimentos felizes e belos. O fato, porém, de esses dois exemplos de pesquisa – partos fracassados e problemas no parto – não retornarem resultados imagéticos não significa que inexista a “vontade de saber” a respeito desses momentos. Prova disso são as buscas relacionadas que o próprio Google oferece em atenção à pesquisa com poucos resultados associados, como as do exemplo: fotos de partos normais com cenas fortes, a vagina fica igual após o parto natural, fotos de partos normais com imagens explícitas e imagens de parto normal real.¹³

CONCLUSÃO

A presença do sujeito comum e da vida privada efetua um jogo – muito contemporâneo – “em que basta existir para ter o direito de ser visto, em um mundo onde é preciso ser visto para existir” (BRUNO, 2013, p.80). A vigilância distribuída (Ibidem, p. 13) só foi possível graças ao projeto disciplinar que internalizou a vigília constante, legitimando um “olho público” essencial para a manutenção da vida. Como proposto por Deleuze (1992), o enclausuramento moderno tinha como base as paredes das instituições. Na sociedade do controle, o sujeito contemporâneo se submete voluntariamente à clausura das telas e à digitalização de sua própria imagem. O autor afirma que a partir do século XX houve o declínio do regime disciplinar, observado pela própria mudança da natureza do poder, que seria marcado pela interpenetração dos espaços e que não tem limites de atuação, pois está disperso na lógica da rede. Por isso, a sociedade do controle não é centrada no confinamento do “visível”, mas do controle “ao ar livre”.

Conforme destacado neste trabalho, observa-se que se torna difícil afirmar quando o corpo grávido e o nascimento não foram objeto de vigilância. O deslocamento percebido atualmente é que a vida do indivíduo é alvo de um ecossistema de monitoramento em que “seguidores” acompanham as banalidades da intimidade, “sucessos” e compensações da

¹³ Sugestões de pesquisas oferecidas pelo Google, pois as buscas pelos termos “partos fracassados” e “problemas no parto” não retornaram resultados.

vida saudável. A vigilância “eterna” torna os corpos “perfeitos” enredo da narrativa proferida na internet; a presença das câmeras não exerce coerção, ela atribui legitimidade, dá sentido à existência e às práticas. O silêncio construído ao redor de certas experiências da vida, como a ausência de narrativas proferidas por mulheres sobre o nascimento até a contemporaneidade, permite refletir a respeito de que os regimes de visibilidade e vigilância engendram liberações e sujeições. Os partos de Falconi, Schmid e Nara Marques permitem observar a conquista narrativa e de escolha do tipo de parto, assim como, tornam visível o assujeitamento em discursos legitimadores de que o corpo grávido deve ser “sarado” e também nos sentidos e narrativas impostos pela audiência sobre os primeiros instantes da vida do indivíduo.

Na atual cultura do espetáculo, mães que expõem seus partos convocam a audiência a penetrar a ordem pública da vida cotidiana, a fim de tornar cada membro do grupo de seguidores bons gestores de si. No imperativo da boa forma, a intimidade como espetáculo (SIBILIA, 2008) não resguarda muitos segredos ao olhar da alteridade, expõem-se o corpo ao extremo e as limitações dos indivíduos de forma completa, sem cortes. De fato, tanto o parto como a gravidez – divulgados e compartilhados – podem ser pensados como um pequeno “acontecimento de discurso”, peça de uma narrativa mais ampla acerca do sujeito, fortemente ligada a um tipo contemporâneo de ser e saber. Assim, problematizar o interesse do “público” sobre o parto e o corpo grávido – e seus ínfimos detalhes –, suspender a “naturalidade” da audiência acerca daquilo que tradicionalmente era vivido no âmbito familiar (muitas vezes, apenas na intimidade da mãe e do pai ou da mãe e do médico), significa problematizar as próprias condições de possibilidade para que a intimidade passasse a ser não apenas o alvo de interesse, mas, o elemento central da grande narrativa proferida no mundo contemporâneo.

Dessa forma, o mundo contemporâneo é palco de diversas lutas, as que desejam retomar práticas já recorrentes na época medieval do parto mais natural possível, ou aquelas que recusam viver as “dores do parto”, se aproveitando de todos os recursos das tecnologias obstétricas. Com essa tomada do lugar de fala, as mulheres narram outras questões sobre o corpo grávido e o parto. Discursos relacionados ao aborto, à liberdade na escolha do tipo de parto ou a denúncias quanto à violência obstétrica e mães solteiras ganham notoriedade na internet e constituem um quadro amplo de práticas de si no nascimento nos dias de hoje.

De todo modo, o biopoder investido pelo Estado sobre o parto e as vozes masculinas no campo ainda exigem resistências rumo a liberações de condutas. A criminalização do aborto no Brasil, por exemplo, exige que sejam produzidos discursos contra uma bancada legislativa composta por homens, brancos, conservadores que evocam a religião para regular o corpo feminino, tornando crime um ato da esfera individual. Da mesma forma, o número de cesarianas em hospitais brasileiros são alvo de regulação e denúncia, devido ao alto número de cirurgias realizadas. Assim, para optar por um parto cesáreo na rede pública de saúde, a mãe deve ter algum problema de saúde que lhe impeça o parto normal, e, para justificar o procedimento, o médico precisa de uma

série de documentos. Assim, o parto é ainda um campo de disputa de discursos e saberes que possibilita sentidos de liberação e sujeição dos corpos.

Nesse espaço de disputa, independentemente do tipo de parto, observa-se a estetização desse momento. Conforme as imagens apresentadas, a estética do parto está relacionada com a vivência de acordo com um planejamento e exibição de todos os detalhes, seja por sua exposição nos perfis sociais dos pais. Essa liberação das narrativas pelas mulheres vai de acordo com um grupo que se percebe como agentes, responsáveis por organizar seus corpos e vidas para ter um filho. Dessa forma, potencializar a vivência dessa experiência, tendo um parto como desejado, é uma conquista das mulheres na atualidade, pois encerrar a gestação conforme planejado articula noções feministas de emancipação e direito ao parto. Essas imagens evidenciam a existência de muitas “verdades” sobre o nascimento nos dias de hoje. Foi possível mapear a retomada de partos naturais, sem medicalização e em casa, características que podem ser relacionadas a práticas comuns na Idade Média. Já como resquício da modernidade, o olhar masculino do médico e do pai ainda estão presentes nas narrativas sobre o parto, mas agora não são os únicos protagonistas. De certa maneira, a mulher narra suas experiências do parto e as mães dos partos contemporâneos provam que há uma possibilidade de escolha quanto ao nascimento de seus filhos.

Para garantir um nascimento bem-sucedido e minimizar os riscos, buscam-se as melhores práticas apoiadas em discursos científicos e o aconselhamento que agora não é só do ciclo íntimo, mas tem como base uma gama enorme de relatos divulgados na internet, por exemplo, as experiências das mães *fitness*. As mulheres são voluntariamente agentes da exposição ao público de suas experiências de vida, de seu corpo, de sua gravidez e de seu parto. Esse desejo de visibilidade legítima, aliás, uma nova vigilância sobre a mulher. O atual regime de vigilância se dedica em especial ao controle da boa forma, a partir da qual o corpo feminino se torna digno e exemplo a ser seguido por outras mulheres. A visibilidade é legitimada, por operacionalizar a lógica espetacular contemporânea, evidenciando que a difusa barreira entre o público e privado é um processo essencial para a subjetivação do sujeito contemporâneo. Um parto exibido tem motivação individual, é objeto de críticas, alvo de vigilância de uma audiência que ultrapassa a esfera familiar e dos amigos. Vigilância eterna, almejada pela mãe, não requerida pela criança, e que deixa explícita a importância da imagem em nossa sociedade. O bebê não tem nada a dizer, mas seu corpo já é percebido como capital.

REFERÊNCIAS

- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013. 190 p.
- BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação**. 2004. Disponível em <<http://bit.ly/1Vig8b6>>. Acesso em: 09 jul. 2018.
- DELEUZE, Giles. *Post-scriptum* sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Giles. **Conversações, 1972-1990**. Trad. Peter Pal Pelbart. São Paulo: Ed 34, 1992, p. 219-226.
- FONSÊCA, Angélica Freitas. **Ruínas do corpo: práticas de si e os sentidos da “boa forma” na contemporaneidade**. 2017. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade de Brasília Faculdade de Comunicação Programa de Pós-Graduação Linha de Pesquisa em Imagem, Som e Escrita, Brasília, DF, 2017.
- FONSECA, Angélica F.; SANZ, Cláudia L. Tal mãe, tal filha: famílias *fitness* e os empresários de si mesmos no contexto da “boa forma”. Apresentado no VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação (Enpecom) – Crítica de Mídia, realizado em Curitiba e 28 de setembro a 01 de outubro **Anais do VIII Encontro de Pesquisa em Comunicação (Enpecom) – Crítica de Mídia**, p. 601-613, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Org. e trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getulio Vargas, 2010.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.